



Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >>> conceicao@freitas.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

Travessia de setembro

Este já será o décimo setembro que esta crônica atravessa, e em todos eles, por mais que eu tente evitar o assunto, não há como fugir da experiência corpórea de trespassar o mês nove, de ponta a ponta, sem dó nem piedade. Por alguma razão talvez genética, talvez não, resisto bem à seca, ao contrário do que acontece com a maioria

de nós. No máximo, faço um pouco mais de esforço para puxar o ar que me sustenta.

Se o verdadeiro agosto não deu as caras, setembro aterrissou em Brasília pleno de si mesmo. Às sete da manhã, o termômetro já acusa 27°C; faltam-nos o ar no imensurável espaço entre o céu e a Terra. Devoradora Brasília que nos rouba a mais ínfima partícula de umidade que ainda vagueia pela atmosfera.

A maioria de nós sangra, sente dores de cabeça, falta-lhe o ar, perde a umidade nos olhos, padece de doenças respiratórias, fica ferido como um estrangeiro atravessando o deserto. É mais

um paradoxo brasileiro: ao mesmo tempo em que quer nos expulsa da cidade, setembro nos permite compartilhar a mesma causticante experiência, o que nos torna ainda mais brasileiros. Como se fosse uma iniciação que se repete a cada 12 meses.

Não há como evitar o exagero de comparar a travessia de setembro com as experiências extremas — subir (ou descer, que é ainda pior) o Everest, participar do rali Paris-Dacar, sobreviver a um naufrágio, ter estado em Manhattan no 11/09. Nos meses de seca, sobreviver a Brasília é um desafio quase sobrehumano.

Se o clima (que chuva, como está quente, haja que) é o assunto que nos salva no elevador, no cafezinho, na sala de espera, em setembro as condições do tempo são o tema predominante do convívio social brasileiro. Poderosa, implacável, devoradora, a seca reforça nossa brasilianidade. Ninguém se pode dizer brasileiro se não tiver passado por pelo menos uma dúzia de secas — do mesmo modo que nenhum candango se esquece das torrentes de poeira do tempo da construção.

Hoje cedo, ao tentar terminar a caminhada matinal, me veio à lembrança um livro de um dos sobreviventes

dos Andes. Quando conseguem alcançar o ponto mais alto da cordilheira, de onde imaginavam escapar da imensidão de neve, o que veem é uma infindável sucessão de montanhas de neve. Como se eles fossem os únicos habitantes da Terra. Era preciso vencer o invencível.

Em setembro, belíssimo setembro, os brasileiros somos conduzidos ao desafio de vencer o invencível até que as cigarras anunciem as primeiras chuvas. Até lá, teremos a companhia das flores do cerrado — para elas, setembro é o mês da plenitude. Pra mim também, mesmo que às vezes me falte o ar.

PRESERVAÇÃO

Grupo sobe morro em Planaltina para lembrar os 90 anos do obelisco que marcaria o início da construção de Brasília

Uma pedra para a história

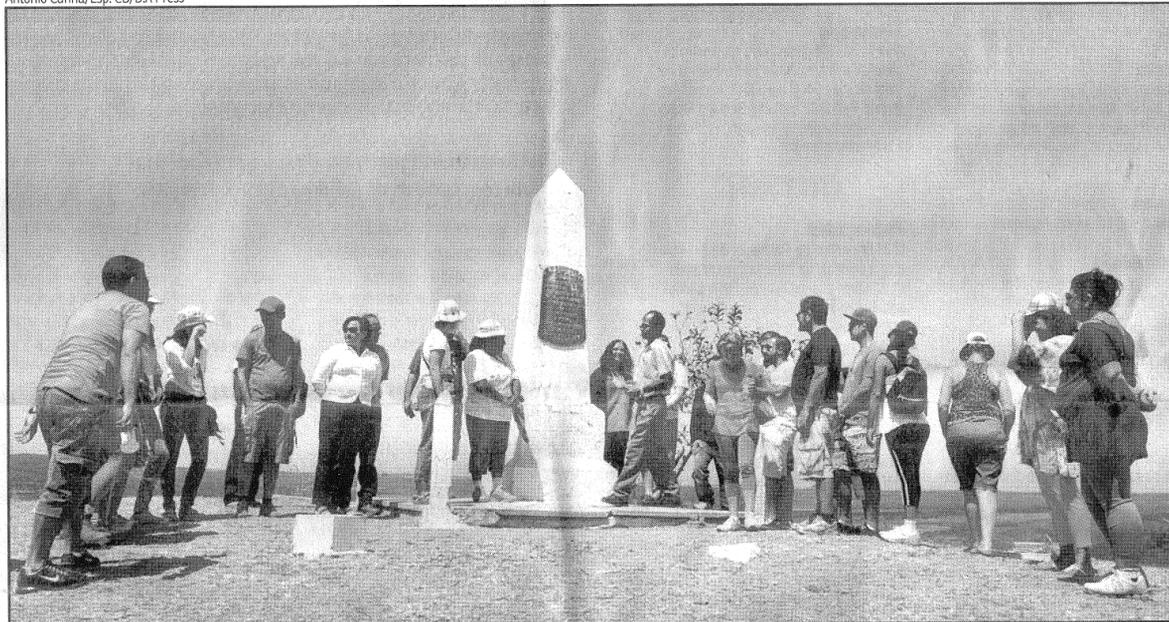
>> ANA POMPEU

Como há 90 anos, ao meio-dia, um pequeno grupo de pessoas subiu ao alto do antigo Morro do Catingueiro, a 8km do centro de Planaltina, para lembrar um momento histórico. Em 1922, a ideia da construção de uma nova capital já ventilava pelo país. Para concretizar o plano, representantes do governo e moradores da região participaram da instalação da Pedra Fundamental, em 7 de setembro daquele ano. De acordo com a placa do monumento, ali começava o que seria a “capital federal dos Estados Unidos do Brasil”. Alguns historiadores consideram, no entanto, que o momento foi mais uma homenagem ao centenário da independência do país que uma intenção concreta de mudança da capital. Tanto que, a partir da inauguração, o morro ganhou o nome de Centenário.

Na época, cerca de 50 homens de terno e mulheres de vestidos longos assistiram ao hasteamento da bandeira nacional. Na primeira cerimônia, os presentes pensavam nos anos por vir. Em 2012, os esforços estão direcionados para que a memória seja preservada. Mais que o sol escaldante do horário, a falta de infraestrutura para receber visitantes desanimou os interessados em participar do evento. Em dias comuns, o monumento fica abandonado. O acesso é por estrada de terra, não há banheiros, quiosques ou sequer bancos. Apenas o obelisco e a bela vista do alto do morro.

A solenidade rápida e simples de ontem girou em torno da necessidade do governo voltar os olhos para a área. O administrador de Planaltina,

Antonio Cunha/Esp. CB/D.A Press



Como nove décadas atrás, moradores se reuniram em volta da Pedra Fundamental: eles pedem mais atenção ao monumento e a criação de um museu

>> Centro geográfico

O monumento marca o centro geográfico da América do Sul. É composto por 33 pedras de concreto, que representam os 33 primeiros anos da República (de 1889 a 1922). O marco histórico é acessado pela estrada DF-128, passando pelo Instituto Federal de Brasília, antigo Colégio Agrícola.

Nilvan Pereira de Vasconcellos, admitiu que o local está subaproveitado. “Nós temos a responsabilidade de tornar a Pedra Fundamental um lugar melhor do que ela é hoje. Pelo menos mais convidativa”, afirmou. De acordo com ele, há um projeto do GDF em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) que visa reconstruir e estruturar o potencial turístico do monumento.

Ecomuseu

Para aproveitar a data, cerca de 15 pessoas fizeram uma caminhada da Escola da Natureza, no Paranoá, até o local do obelisco. O passeio até a cachoeira da Furquilha, pertencente ao Ribeirão Sobradinho, era uma forma dos participantes manifestarem a tristeza pela poluição daquelas águas. Além disso, eles pediram a criação do Ecomuseu Pedra

Fundamental, que incluiria as áreas do monumento, do rio, o Vale do Amanhecer, o Morro da Capelinha e o Instituto Federal de Brasília (IFB).

O obelisco seria o centro de um espaço de referência. “É preciso entender que não é só uma escultura, mas parte da construção identitária do brasileiro”, observou o historiador e coordenador do Instituto Paulo Bertran, que estuda a região, Robson Eleutério. O professor é um dos defensores da preservação dos arredores da Pedra Fundamental. Para ele, o ideal seria montar práticas pedagógicas na região, envolvendo o ensino da história anterior à inauguração de Brasília e a relação com o cerrado.

Por enquanto, o obelisco é pouco conhecido até mesmo na

região. A professora de desenvolvimento rural do câmpus da UnB de Planaltina Janaína Diniz nunca tinha subido o morro. “Agora que conheço, estou orgulhosa dessa história, que é mais antiga do que se pensa”, comentou. Durante a cerimônia, ela manifestou a intenção de organizar um projeto que trate do manejo da área, crie mapas, dê ideias de melhorias do acesso e infraestrutura.

Depois dos pronunciamentos, os presentes deram um abraço simbólico na Pedra Fundamental e leram poesias em homenagem a Brasília. Para fechar as festividades, às 16h teve início o Festival Pedra 90, que seguiria até as 22h com shows de sete bandas locais. Por volta das 17h, o público começou a chegar e a encher a praça em frente à histórica pedra.

>> Memória

Contra a mudança

Ao meio-dia de 7 de setembro de 1922, um grupo de moradores e funcionários do governo se reuniu no alto de um morro em Planaltina, na época pertencente à Goiás, para a cerimônia do lançamento da Pedra Fundamental de Brasília. Mas tudo não passou do ato simbólico. Eram muitos, e poderosos, os políticos, fazendeiros e empresários contrários à mudança, concretizada apenas em 21 de abril de 1960.

A pedra foi construída a mando do então presidente Epitácio Pessoa. O assentamento dela fazia parte das comemorações dos 100 anos da Independência do Brasil, por isso a data e o nome do morro, Centenário. Mas não havia um plano definido nem o presidente tinha o apoio necessário para a mudança. Além da ausência de autoridades, segundo estudiosos, o desinteresse para a mudança da capital foi demonstrado também pelo curto prazo dado à construção do obelisco e viagem da equipe escalada para a missão.

Epitácio Pessoa assinou o Decreto nº 4.494, da colocação da pedra fundamental na área onde seria construída a nova capital brasileira, em janeiro de 1922, mas somente em 27 de agosto, 10 dias antes do centenário da Independência, o diretor da Estrada de Ferro Goiás em Araguari (MG), o engenheiro Balduino Ernesto de Almeida soube, por telegrama, que era o encarregado de erguer um monumento no Quadrilátero Cruls, a 450km dali, e inaugurá-lo de forma solene, em 7 de setembro.

>> Lição de cidadania

Adauto Cruz/CB



Mais de 8,5 mil pessoas se reuniram, ontem à tarde, para um abraço coletivo no lago do Parque da Cidade. A iniciativa foi realizada após jovens do Clube dos Desbravadores, projeto permanente mantido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, terem pintado de branco a orla do espelho d'água e retirado mais de 3 mil sacos de lixo do local. O abraço faz parte de uma das

programações do Campori de desbravadores da região Centro-Oeste, promovido pelo grupo a cada cinco anos. Acampados no parque desde terça-feira, ao lado do pavilhão, os estudantes de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás e Distrito Federal, participam de gincanas, assistem a shows musicais e fazem várias atividades comunitárias e físicas, como escalada.

BELEZA SEM LIMITE

Miss plus size é hoje

>> CAROLINA SAMORANO

Brasília ganha hoje mais uma miss. Para concorrer à coroa e à faixa, as candidatas devem obedecer a apenas uma exigência: vestir, no mínimo, manequim 44. O evento começa às 21h, no Salão Nobre do Clube do Exército. O Miss Brasília Plus Size definirá a representante da capital na para a final nacional do concurso, marcado para dezembro, também no Distrito Federal.

Ao todo, 200 mulheres se inscreveram para o Miss Brasília Plus Size. As fotos e os perfis das candidatas foram avaliados por uma banca da organização nacional do evento. Só

27 disputam o título hoje. As candidatas vão desfilar diante dos jurados vestidas diferentes — casual, roupa de banho e, por último, gala — e terão a oportunidade de mostrar suas curvas para nomes como Dilsen Stein, caça-talento que descobriu Gisele Bündchen, e para a modelo plus size brasileira Carla Manso, ambos no júri.

Ao contrário do Miss Brasil, por exemplo, em que as candidatas devem se enquadrar em um padrão rígido de medidas e obedecer a exigências como nunca terem sido casadas nem terem filhos, o concurso plus size não tem limite de idade ou restrições de perfil. A mais nova,

por exemplo, tem 18 anos e é mais velha, 45. “Tem gente com filho, sem filho, casada, separada. A causa do Miss Plus Size é diferente. Está mais ligada a levantar a autoestima dessas mulheres, quebra preconceitos e, quem sabe, proporcionar uma oportunidade de carreira para elas. O mercado já aceita melhor hoje esse perfil”, frisa a coordenadora do concurso regional, Patrícia Milli.

A final do Miss Brasil Plus Size estava programada para ocorrer em São Paulo, mas a organização do evento mudou a sede para a capital do país depois da repercussão que o evento teve entre as brasileiras, segundo Milli.